

“**N**OSSA FAMÍLIA é tão boa como qualquer outra do mundo”, costumava dizer Nana. “Somos pobres de dinheiro, é verdade, mas somos ricos de caráter, coragem e decência e cremos em Deus. Isso é muito mais importante do que dinheiro—ou do que a côr—fiquem sabendo.”

Nana era minha avó materna e literalmente a matriarca do nosso “clã”. Era uma mulher baixinha, de voz mansa, delicada, um pouco tímida, mas totalmente franca. A autoridade que tinha sôbre nossa família era completa, não porque a afirmasse, mas porque ela era a mais atilada.

Tinha aparência caucásica. Na verdade, o seu irmão gêmeo havia “passado” para a comunidade branca. “Acho que êle cometeu um êrro”, disse Nana certa vez. “Mas era meu irmão e fiquei ao lado dêle. Êle não resolveu ‘passar’ porque achasse que os brancos eram melhores do que nós, mas só para fugir dos problemas do preconceito branco contra os negros.”

Nana podia ser branca por fora, mas era tôda fervor negro por dentro. Tinha “alma” muito antes de isso se tornar uma característica ra-

---

EDUCADOR, cientista político e diplomata, o Dr. Ralph J. Bunche recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1950 pelo seu trabalho como mediador das Nações Unidas na Palestina em 1948-49. Desde 1958 vem servindo como Subsecretário-Geral da ONU para Assuntos Políticos Especiais. Em 1963 recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade, a mais alta distinção que os Estados Unidos conferem a um civil.

## Meu Tipo Inesquecível



cial. Forte de caráter e de coragem, profundamente religiosa, tinha um feroz orgulho da sua origem e da sua raça, e todos em nosso clã receberam desde cedo a mensagem do orgulho da raça.

Nana nasceu em Sedalia, Misúri, em 1855. Seu nome de solteira era Lucy Taylor. Casou-se com um professor e diretor de escola rural chamado Thomas Nelson Johnson, que morreu em Waco, Texas, deixando-a ainda jovem, com cinco filhos. Ela acabou levando-os para Detroit, sempre à procura do melhor para êles, principalmente em matéria de educação. Uma das filhas, Olive, minha mãe, conheceu Fred Bunche e casou com êle em Detroit, onde eu nasci em 1904. O clã contava então nove pessoas, e vivíamos todos juntos sob o govêrno benigno de Nana.

Era uma casa movimentada, harmoniosa e feliz. Éramos uma família de gente faladeira, cada qual fervilhando de idéias e opiniões. Permittiam-me participar das discussões—enquanto não chegava gente de fora, quando então Nana fazia cumprir a regra de que “crianças são para ser vistas e não ouvidas”. É claro que tínhamos os nossos problemas de vez em quando, mas não se incentivavam as lamentações. Dizia Nana: “Todos temos as nossas dificuldades, mas é melhor guardá-las para nós mesmos e não afligir os outros com elas.”

**Nada de “Diminuição”.** Durante os primeiros anos de minha vida, eu desconhecia a existência de um

“problema negro”, mas logo tive a minha aprendizagem de preconceito . . . contra os italianos. Vivíamos num bairro branco, da classe operária, povoado em grande parte por austro-húngaros que falavam alemão. Éramos uma das raríssimas famílias negras da área, mas nunca sofremos qualquer hostilidade da parte de nossos vizinhos brancos.

Quando, entretanto, os imigrantes italianos se espalharam em Detroit, o preconceito contra êles generalizou-se. (Nos anos subsequêntes, quando o clã se mudou para oeste, observamos preconceitos coletivos semelhantes contra mexicanos e índios no Nôvo México, contra japônêses e mexicanos na Califórnia e, claro, especialmente contra os negros.) Os meninos italianos tinham de passar pela nossa rua quando iam para a escola paroquial e dela voltavam, e, no inverno, nós os bombardeávamos com bolas de neve que tinham como núcleo um pedaço de carvão. Eu sabia instintivamente que isso era errado e escondia tudo de Nana e de meus pais. Isso acontecia porque em nosso círculo de família não se ouvia uma só palavra inamistosa contra os italianos. Nana traçou a atitude da família, dizendo: “Os negros não têm nada que desprezar ninguém. De qualquer maneira, quem canta e gosta de música como essa gente não pode ser de todo mau.”

Quando eu tinha 13 anos, minha irmã mais môça Grace e eu perdemos nossos pais. Em 1917, Nana se

mudou com a família para Los Angeles, na Califórnia, onde alugamos um bangalô na Avenida Griffith. No dia em que fomos fazer a mudança, encontramos a porta da rua fechada. Foi um choque, mas não era difícil calcular o motivo. Fôra meu tio Tom, de pele clara como Nana, que se entendera com o proprietário branco, que não sabia que estava alugando a casa a negros. Mas, quando eu e Tia Nelle (as "ovelhas negras" da família) chegamos, êle descobriu a verdade e nos trancou a porta. Calma, porém firme, Nana fêz valer os seus direitos. "Pagamos o aluguel e vamos entrar", disse ela. "Tom, mêtta o ombro nesta porta e arrombe-a." Êle sorriu e deu cumprimento à tarefa com prazer. Vivemos ali durante o tempo pelo qual fôra pago o aluguel.

Depois disso, compramos um bangalô na Rua 37, em um bairro que em breve se tornou todo negro e além do qual se desenvolveu posteriormente o gueto de Watts. Quando ali chegamos, ainda era em grande parte branco. Um dia, Nana estava na sua cadeira de balanço na varanda da frente quando uma vizinha passou e disse zombeteiramente:

—Bom dia, tia.

Nana examinou-a atentamente durante algum tempo, depois respondeu:

—Deve estar enganada. Não tenho sobrinhas nem sobrinhos que se pareçam mesmo de longe com você. Por falar nisso, meu nome é Sr.<sup>a</sup> Lucy Taylor Johnson.

A notícia do episódio espalhou-se, e dêsse dia em diante Nana não teve dificuldades com os vizinhos.

Mais tarde, Nana disse a minha irmã e a mim: "Protejam sempre o seu amor-próprio e a sua dignidade. Nunca procurem briga, mas nunca fujam de qualquer briga se estiver em jôgo a dignidade de vocês ou algum princípio importante. Nunca deixem que ninguém os 'diminua'."

Nana era terrivelmente rápida no ataque ante a menor sugestão de afronta racial ou de insulto. Pouco depois de nos mudarmos para a Rua 37, um vendedor de lotes de terreno em um cemitério bateu à porta. Mostrou a Nana o seu material de propaganda ilustrado. Salientou demoradamente as virtudes do "cuidado perpétuo" e terminou dizendo numa confidência a meia voz:

—O cemitério é bem protegido, madame. Não é preciso preocupar-se porque só vendemos lotes a gente branca... nada de negros ou mexicanos nesse cemitério.

Não houve no rosto de Nana a menor mudança de expressão. Disse calmamente:

—Quero saber se entendi bem. Quer ter a bondade de repetir o que acabou de dizer?

O vendedor, certo de que havia encontrado o argumento certo, repetiu tudo com mais ênfase ainda.

—Dê-me licença por um minuto —disse Nana cortêsmente.—Preciso ir à cozinha, mas volto já.

Quando o vendedor menos esperava, Nana surgiu da cozinha e avan-

çou para êle com uma vassoura. Num voz cheia de fúria, gritou:

—Eu sou negra e com muito orgulho. Saia já de minha casa!

O vendedor saiu e nunca mais voltou para apanhar o seu material.

**Admissão Tardia.** Embora Nana tivesse pouca instrução, estava empenhada em que eu cursasse a universidade. Desde os meus tempos de garotinho, ela me instruía sôbre a importância da educação como um meio de vencer na vida. Quando fomos morar em Los Angeles, fui matriculado na escola intermediária da Rua 30. Nana tinha uma intuição e uma percepção notáveis e, quando eu mostrei falta de interêsse pelos estudos, ela foi procurar o diretor para saber o que se estava passando.

—Ralph está estudando matérias que o preparem para a universidade?—perguntou ela.

O diretor, colhido um pouco de surprêsa, respondeu francamente que não. Explicou que todos os meninos negros recebiam cursos práticos que os habilitassem a conseguir emprêgo logo que saíssem da escola secundária.

—Meu neto vai para a universidade—declarou ela firmemente—e tem de preparar-se para isso.

O diretor explicou que muito poucos negros iam para a universidade, mas Nana foi inflexível. Tomei assim conhecimento pela primeira vez de Álgebra e Geometria, Ciências Naturais, História e Francês.

Por fim, terminei o curso como primeiro da classe e orador da tur-

ma na Escola Secundária Jefferson (classe do inverno de 1922), mas vi barrada a minha entrada na sociedade de estudantes distintos de tôda a cidade por causa da minha côr. Nana ficou mais ofendida do que eu e compareceu à formatura com uma frígida dignidade. Durante as cerimônias, o diretor procurou Nana para dar-lhe parabéns pelas minhas notas.

—Sr.<sup>a</sup> Johnson, estamos muito satisfeitos porque Ralph se saiu tão bem na escola—disse êle.—Foi um bom estudante e um bom atleta e nós gostamos muito dêle. Na verdade, Sr.<sup>a</sup> Johnson, nunca pensamos em Ralph como um negro.

Vi aquêle brilho frio nos olhos dela e ouvi-a responder prontamente, mas com calma:

—Por que não? Êle é negro e se orgulha disso. E eu também. O que o senhor acaba de dizer é um insulto a Ralph, a mim, aos pais dêle e a tôda a sua raça. Ralph é melhor do que a maioria dos rapazes brancos desta escola. Afinal de contas, êle se formou como primeiro da turma.

Acrescentou um breve “Passe bem”, tomou-me pela mão e saiu. Cêrca de 30 anos depois recebi a comunicação de que fôra admitido à sociedade dos alunos distintos. Gostaria de que Nana estivesse viva para lê-la.

**Sonho Persistente.** Depois da escola, eu tinha um emprêgo na vizinhança como colocador de tapêtes e andava com um grupo de rapazes negros, muitos dêles de um material

potencialmente excelente. Mas, depois que saíram da escola, ficaram desorientados, rondando pelo gueto, onde a bebida, as prostitutas e as escaramuças com a lei cobraram o seu tributo. Pesa-me pensar nesses amigos cujas vidas se desperdiçaram porque não havia horizonte nem esperança para êles. Só três conseguimos chegar à universidade e romper o círculo de ferro do gueto: dois porque os pais tinham posses para mandá-los, e eu porque Nana não queria saber de outra coisa.

A universidade era para ela uma obsessão e falou sôbre isso constantemente naquele verão, usando vários meios para despertar o meu interêsse. Primeiro foram os esportes: "Você foi bom atleta na escola secundária e pode sê-lo na universidade." O orgulho de família: "Seu avô foi um homem instruído, um ótimo professor." Idealismo: "Quando você se formar, poderá fazer muito bem aos outros." Chegou a apelar para um profundo desejo de todos os negros: mostrar ao branco que somos tão bons quanto êle.

Não era possível resistir a Nana, e eu finalmente apareci na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e me matriculei. No meio do primeiro ano, compreendi que eu, um tapeceiro negro, podia vencer e que, no final das contas, o persistente sonho de Nana poderia tornar-se uma realidade. Minhas notas foram suficientemente boas para que eu me formasse na universidade e depois fizesse um curso de pós-graduação fi-

nanciado por bôlsas escolares. Eu estava no Leste, estudando para doutorar-me em Filosofia, quando recebi notícias de Nana pela última vez.

Foi em novembro de 1928 e ela me escreveu para aconselhar-me a "vestir roupas quentes e afastar a gripe". Suas últimas palavras foram uma pergunta: "Vai terminar o curso em Harvard êste ano?" Ela sabia que eu já estava formado, e quando morreu sabia que a sua grande ambição para o neto se realizara.

NÃO É RARO alguém felicitar-me por ser um símbolo do que um negro pode conseguir em nossa sociedade, apesar das desvantagens da raça. Não sou tal símbolo, porque a êsse respeito não posso alegar senão que tive a sorte de ter Nana por avó. O que deve ser acentuado é que nenhum môço deveria precisar da sorte que eu tive para ter uma oportunidade.

Não sei quantas pessoas neste mundo têm sido abençoadas com parentes como Nana. Mas é por demais evidente, diante de tanta guerra, fanatismo, intolerância e inumanidade que nos cercam, que precisamos desesperadamente de quem seja como ela. Nana deve ter ficado desanimada muitas vêzes, mas nunca se entregou. Acreditava na decência essencial e na bondade da raça humana.

Foi essa a lição de sua vida que me ficou. Ela é que me tem sustentado no meu trabalho nas Nações Unidas em prol da paz, da liberdade e do bem-estar humano.